

Introdução

Numa altura em que a nossa sociedade - em que a igualdade de género é consensual e legalmente consignada - se vê abalada pela constatação de que continuam vivos muitos dos estereótipos e dos preconceitos de há dois séculos e de que ainda hoje têm lugar incompreensíveis práticas de exclusão e de violência, regressar aos romances de adultério do séc. XIX e às questões que neles se levantam afigura-se-nos pertinente. Com efeito, interrogações como a do adultério feminino enquanto violação da ordem e estímulo à dissolução social ou como sinal e consequência de uma sociedade marcada por um padrão moral dúplice e de efeito funesto para a mulher; adultério como emergência do natural (Bagulay, 1990) ou como expressão da afirmação feminina; condenação da mulher como reposição da ordem ou como manifestação da violência de uma sociedade patriarcal são questões presentes na história cultural, literária e artística que importa visitar e que estão no centro dos artigos que este libreto congrega. Neles os autores retomam os mais conhecidos romances de adultério do século XIX e exemplos da sua receção produtiva, na firme convicção de que integrar estes textos na nossa enciclopédia de leitura continua a fazer todo o sentido, não apenas pelo seu inquestionável valor estético, mas porque nos parece que o mundo poderia ser melhor, se todos lessem o que dizem os escritores.

O primeiro estudo, da autoria de Carlos Azevedo, trata o romance *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne, e a sua protagonista adúltera, obrigada a usar uma letra escarlate no peito enquanto marca do seu pecado. Tal marca transforma-se, todavia, “na margem de redenção e liberdade da protagonista numa sociedade rígida e intolerante”, sendo “simultaneamente perspetivada como representação do processo de fundação da América”. Já Mónica Figueiredo regressa às duas principais personagens femininas de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós para reavaliar o percurso de Luiza e de Juliana, “enquanto figuras destinadas a denunciar a difícil condição vivida pelas mulheres ao longo do século vitoriano”.

Fátima Outeirinho revisita *Madame Bovary* de Gustave Flaubert no que toca ao papel e condição da mulher no espaço social ou a sua relação com o corpo e com o desejo, procurando identificar práticas e memórias de exclusão com prolongamentos até ao presente. Pilar Nicolás Martínez, por sua vez, explica que o romance *La Regenta* (1880), de Leopoldo Alas, Clarín, reflete a crença do autor na função social da literatura,

nomeadamente na sua capacidade reformadora. Denuncia, assim, os costumes e as ideias sustentadas por um fanatismo atávico de base religiosa, bem como as exigências e normas impostas à mulher por uma sociedade patriarcal e provinciana.

Teresa Martins de Oliveira regressa a *Effi Briest* de Thedor Fontane, um romance de adultério praticamente desconhecido entre nós, mas considerado por muitos escritores alemães como uma obra matricial. Defende-se neste estudo que a modernidade presente no tratamento dado ao motivo do adultério tanto ao nível do desenvolvimento diegético como das soluções ativadas para abrir o texto a uma interpretação pluriperspetívica conduz à justificação e absolvição da mulher. Por sua vez, Isabel Pires de Lima trata a obra *Treze Cartas e Três Bilhetes de Rachel Cohen (Leitura, Prefácio e Notas de Mário Cláudio)*, publicada em 2018, procurando mostrar como nesta ficção da ficção Mário Cláudio, dando voz a Rachel (Raquel) Cohen, subverte “o lugar estereotipado da experiência do adultério para a mulher oitocentista”, ao relevar “a força de desordem que ele comporta e a oportunidade de auto-reflexão sobre o corpo e a sexualidade que constitui”.

A terminar, surge o depoimento de Sousa Dias, que sugere o visionamento de *Madame Bovary* da responsabilidade de Claude Chabrol, segundo o autor a mais fiel de todas as versões fílmicas do romance de Flaubert, muito embora considere que falha ainda a reprodução do papel central que no romance cabe ao tempo enquanto tédio e verdadeira cisão interior da heroína.

Fátima Outeirinho
Teresa Martins de Oliveira